

Deus, a morte e um povo suicida

O caso exemplar de Manuel Laranjeira

JOSÉ RUI TEIXEIRA*

Resumo: A história da literatura portuguesa é uma espécie de caixa de ressonância em que Deus assoma em evocações, reflexões, afirmações e negações... desde a literatura medieval à homilética barroca, dos versos de um poeta romântico às páginas de um ficcionista contemporâneo. E a morte é uma presença profunda e impressionante no vórtice desse rumor desdobrado no tempo, uma presença tão mais enfática quanto mais silente. Entre a catarse e a agonia, alguns autores suicidaram-se, possibilitando assim a célebre expressão de Miguel de Unamuno que diz que somos um povo de suicidas, um povo suicida. É o caso exemplar de Manuel Laranjeira que nos permite o adentramento numa reflexão sobre Deus, a morte e um povo suicida.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; morte; suicídio.

Abstract: The history of Portuguese literature is a kind of sounding board in which God is held in evocations, reflections, affirmations and denials ... from medieval literature to Baroque homiletics, from the verses of a romantic poet to the pages of a contemporary fiction writer. And death is a deep and impressive presence in the vortex of that rumor unfolded in time, a presence more emphatic than silent. Between catharsis and agony,

* Diretor da Cátedra de Poesia e Transcendência – Sophia de Mello Breyner Andresen da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

some authors committed suicide, making possible the famous expression of Miguel de Unamuno who says that we are a suicide people, a suicidal people. It is the exemplary case of Manuel Laranjeira that allows us to engage with a reflection on God, death and a suicidal people.

Keywords: Portuguese Literature; death; suicide.

Desenganemo-nos da esperança, porque trai, do amor, porque cansa, da vida, porque farta e não sacia, e até da morte, porque traz mais do que se quer e menos do que se espera.¹

Fernando Pessoa

Introdução

Em novembro de 1908, em Lisboa, Miguel de Unamuno escreve *Un pueblo suicida*², um pequeno texto que integra *Por tierras de Portugal y de España* e em que descreve os portugueses como um povo de suicidas, um povo suicida, para o qual a vida não tem um sentido transcendente³. Num diálogo impressionante com Manuel Laranjeira, pressente-se uma disforia em cujo vórtice se situam Camilo Castelo Branco e Antero de Quental, e que parece endêmica na cultura portuguesa.

Miguel de Unamuno conheceu Manuel Laranjeira no verão de 1908, em Espinho⁴. São catorze as cartas que Laranjeira escreveu a Unamuno⁵, entre 24 de agosto desse ano e 15 de fevereiro de 1912; e cinco as cartas de Unamuno que foram publicadas⁶, escritas entre 19 de agosto de 1909 e 17 de março de 1911. Sobre essa correspondência, escreveu Unamuno:

¹ PESSOA, Fernando – Na floresta do alheamento (Do «Livro do Desassossego», em preparação.). *A Águia*. 2.ª Série. 2 (agosto de 1913) 42.

² UNAMUNO, Miguel de – Un pueblo suicida. In *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Alianza Editorial, 2011, 104-113.

³ Cf. UNAMUNO – Un pueblo suicida, 106.

⁴ Cf. UNAMUNO, Miguel de – Prefácio. In LARANJEIRA, Manuel – *Cartas*. Lisboa: Portugália Editora, 1943, 19.

⁵ Cf. LARANJEIRA, Manuel – *Obras de Manuel Laranjeira*. Organização, prefácio e notas introdutórias de José Carlos Seabra Pereira. Porto: Edições Asa, 1993, 463-485.

⁶ Cf. Apêndice: cartas inéditas de Miguel de Unamuno a Manuel Laranjeira. In LARANJEIRA – *Cartas*, 167-182.

«Cada carta que recibía yo de Laranjeira era una fiesta, una terrible fiesta, para mi espíritu. Hice después, otro año, una viaje a Espinho no más que a ver mi amigo y a conversar con él. [...] Y conservo, por último, el ejemplar de mi *Rosario de sonetos líricos* que llegó a su morada el 22 de febrero de 1912, cuando aún no estaba del todo frío su cadáver. Lo conservo con su cubierta, sus matasellos, y esta frase escrita en ella, al devolverme el paquete: *Faleceu*».⁷

A amizade que nasceu entre Unamuno e Laranjeira constata, simultaneamente, um processo de aproximação e de encontro, e a insofismável afirmação de que há fronteiras invisíveis que são mais intransponíveis do que quaisquer muros que possam estremar, separar dois espaços contíguos.

Ao redor da vida e da obra de Manuel Laranjeira, uma primeira questão detém-nos no modo como Unamuno apreendeu a «alma trágica de Portugal». Isso mesmo escreveu no prefácio à edição do epistolário do poeta português: «Fué Laranjeira quien me enseñó a ver el alma trágica de Portugal, no diré de todo Portugal, pero si del más hondo, del más grande»⁸. E acrescenta: «Y me enseñó a ver no pocos rincones de los abismos tenebrosos del alma humana.»

Uma segunda questão deter-nos-á no modo como Laranjeira, tendo condicionado a escolha das imagens do cosmorama através do qual Unamuno observou Portugal, se identifica fatalmente – antes e depois – com essas imagens, tornando-se o expoente máximo do pessimismo nacional e fazendo perdurar na cultura portuguesa um rasto irredimível de desesperança.

1. António José Saraiva escreve sobre um «novelo afetivo»⁹ que caracteriza a «personalidade portuguesa», que implica, entre outras particularidades idiossincráticas, um sentimento de insularidade, o messianismo e a saudade, e que aparece «a observadores estrangeiros como desnorteante e paradoxal»¹⁰. E esta afirmação transporta-nos para Lisboa, numa tarde de novembro de 1908. Miguel de Unamuno, diante do Convento do Carmo, cujas ruínas góticas sobreviveram ao terramoto de 1755, desabafa: «pensaba qué terremoto íntimo, moral, amenaza este pueblo»¹¹. Depois compra três diários, lê algumas notícias, percorre as ruas da cidade e escreve:

⁷ UNAMUNO – Prefácio, 19-20.

⁸ UNAMUNO – Prefácio, 20.

⁹ Cf. SARAIVA, António José – *A Cultura em Portugal – Teoria e História*. Lisboa: Gradiva, 1996, Vol. I, 85.

¹⁰ SARAIVA – *A Cultura em Portugal*, 84.

¹¹ UNAMUNO – *Un pueblo suicida*, 105.

«Entre tanto van y vienen las gentes de esta ciudad cosmopolita; parecen contentas, ríen, gesticulan, acuden a sus negocios o sus distracciones. Y un satisfecho podría decirles al verlas: «Éste es un pueblo como todos los demás; aquí no pasa nada». Y, sin embargo, Portugal, esta misma tierra, es un pueblo triste.

Es si, un pueblo triste. Y de aquí el encanto que para algunos tiene, a pesar de la evidente trivialidad de sus manifestaciones exteriores.

Portugal es un pueblo triste, y lo es hasta cuando sonrío. Su literatura [...] es una literatura triste».¹²

O que é que Unamuno viu, presentiu nas ruas de Lisboa? Que tristeza é essa que o bulício da cidade faria passar despercebida ao turista distraído, que ainda assim a buscaria nas casas de fado como se de um produto regional se tratasse? O que é que faz deste povo, aos olhos de Unamuno, um povo triste mesmo quando sorri? E o que é que faz da sua literatura, uma literatura triste?

Mas Unamuno vai mais longe e escreve: «Portugal es un pueblo de suicidas, tal vez un pueblo suicida. La vida no tiene para él sentido transcendente. Quiere vivir tal vez, sí, pero ¿para qué? Vale más no vivir.»¹³.

E aqui nos situamos numa primeira encruzilhada: se para António José Saraiva, a cultura portuguesa revela algum «desinteresse pela especulação filosófica à ocidental», assim como a «ausência de polémicas teológicas e de doutrinação propriamente mística»¹⁴; para Miguel de Unamuno, a vida não tem um «sentido transcendente» para o povo português.

Ainda que se trate de afirmações sem excessivas pretensões epistémicas, estamos na presença de observações contundentes sobre um povo que, particularmente desde o século XIV, abdicou da condição europeia que Castela lhe coartava e desenvolveu um certo sentimento de isolamento, porque, entre a Europa e Portugal, Castela funcionou historicamente como um deserto isolador, mais do que um espaço de ressonância e comunicação¹⁵.

Esse ensimesmamento, simbolicamente, nimba a sua vocação atlântica de uma vertigem suicidária: um povo tão afetivamente apegado às suas raízes, às suas origens, projeta-se numa diáspora que ainda hoje reúne quase um terço dos portugueses. E se esporadicamente buscou em França, sobretudo a partir do século XIX, o lenitivo para um persistente sentimento de orfandade¹⁶,

¹² UNAMUNO – Un pueblo suicida, 106.

¹³ UNAMUNO – Un pueblo suicida, 106.

¹⁴ SARAIVA – *A Cultura em Portugal*, 104.

¹⁵ Cf. SARAIVA – *A Cultura em Portugal*, 81-82.

¹⁶ Cf. SARAIVA – *A Cultura em Portugal*, 107: «Os portugueses comportam-se como um povo que teve mãe, mas que é órfão de pai, o que historicamente até se pode explicar de uma maneira positivista pela emigração maciça de chefes de família durante a maior parte do tempo da nossa história.

esse contacto não só não o tornou mais europeu, como acentuou, por cotejamento, a disforia da sua singularidade.

2. A *intelligentsia* portuguesa dos séculos XIX e XX escolheu exprimir-se preferencialmente por meio da literatura, absorvendo vastos domínios do pensamento filosófico e teológico, geralmente autónomos, e que em Portugal se tornaram difusos. Importa referir que no final do século XIX, se a condição de teólogo rareava e se circunscrevia a meios clericais mais ou menos entrincheirados, não existia uma demarcação evidente nem da condição, nem do âmbito da ação dos filósofos e dos políticos; todos, mesmo os homens da ciência, procuravam afirmar-se através do meio literário.

O caso de Antero de Quental é exemplar: a sua consagração cívica, no contexto da resistência ao Ultimato inglês, em 1890, é uma consequência de uma outra consagração, mais profunda: o poeta era consensualmente considerado um «santo»¹⁷, com um estatuto moral e espiritual que, numa sociedade progressivamente mais secularizada e anticlerical, já não era reconhecido à Igreja. E ao contrário do que se passava em muitos países, onde o herói nacional era geralmente um chefe militar, em Portugal, no centro do culto patriótico estava um poeta.

Mas não se trata de um caso isolado ou de algo sem precedentes: no século XVI, cabe ao poeta Luís de Camões¹⁸ a (re)invenção de Portugal. Não é assim de estranhar que, de Garrett e Herculano¹⁹ a Pessoa, os poetas apareçam como legítimos representantes do «génio nacional» (*Volksgeist*).

E esta explicação poderia ter desenvolvimentos psicanalíticos. Mas preferimos outra hipótese, que aliás não exclui a anterior. O "pai" da gente portuguesa era representado pela "Espanha", no antigo significado de pátria comum de todos os povos ibéricos; dela nos vinham padrões de civilização ao nível intelectual. A "mãe" era a região onde se falava o galego-português, ninho dos valores afectivos. Desde que Portugal rejeitou a paternidade hispânica, a família ficou precocemente amputada. O Sebastianismo é um sentimento de orfandade combinado com a expectativa do regresso do pai. Há algo de inacabado e até de amputado na nossa cultura, uma espécie de infância para além do termo, cujo mais recente exemplo é o pós-25 de Abril. E foi isso, talvez, que nos levou a procurar outro "pai" além-Pirenéus, que é desde o século XVIII a França. Resta saber se ela pode desempenhar essa função, harmoniosamente, num povo que, como atrás apontámos, está visceralmente fora da mentalidade ocidental.»

¹⁷ Cf. QUEIRÓS, Eça – Um génio que era um santo. In *Antero de Quental – In memoriam*. Porto: Mathieu Lugan Editor, 1896, 481-483.

¹⁸ Nas palavras de Eduardo Lourenço, *Os Lusíadas* é o único livro que «não se pode reescrever, pois foi ele que nos fez, tal como a nós mesmos continuamos a sonhar-nos». LOURENÇO, Eduardo – *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Grádiva, 1999, 154.

¹⁹ «Graças aos criadores do nosso romantismo, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, essa época sem precedentes na nossa história, e por via de consequência na nossa cultura, foi *pensada*

E aqui nos situamos numa segunda encruzilhada: apesar do «desinteresse pela especulação filosófica à ocidental» e da «ausência de polémicas teológicas e de doutrinação propriamente mística», e apesar de, aos olhos de Unamuno, a vida não ter um «sentido transcendente» para este povo, a tendência dominante do pensamento filosófico português, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, é precisamente a filosofia da religião, situada no âmbito de uma «meta-religião»²⁰, que acaba por ser a expressão da «saudade»²¹, enquanto nostalgia do absoluto (numa aproximação à *Sehnsucht* alemã), premente nas formulações do messianismo sebastianista²², do Quinto Império e do Encoberto, de Sampaio Bruno a Fernando Pessoa, à Era Lusíada e ao saudosismo de Teixeira de Pascoaes²³.

A *intelligentsia* portuguesa dos séculos XIX e XX parece prescindir das funcionalidades regulares de conceitos como «imanência» e «transcendência», nunca assentindo com a «banalidade intrascendente»²⁴ da vida e escolhendo situar-se numa plataforma intermédia de «transimanência»²⁵, onde inúmeros poetas buscaram o

e admiravelmente pensada, de acordo com as necessidades e urgências profundas do País, como nunca mais o será. À sua maneira, poeticamente um, ideológica e filosoficamente outro, Almeida Garrett e Herculano refundaram Portugal, reenquadrando, repensando e remitificando o nosso imaginário cultural». LOURENÇO – *Portugal como Destino*, 26-27.

²⁰ «Antiteologia» ou «crença substituta», conceitos de George Steiner (cf. *Nostalgia do Absoluto*, Lisboa: Relógio D'Água, 2003, 13).

²¹ Sobre esta questão: BOTELHO, Afonso Botelho; TEIXEIRA, António Braz, sel. e org. – *Filosofia da Saudade*. Lisboa: IN-CM, 1986.

²² O Sebastianismo surgiu em Portugal no final do século XVI, consequência da morte do rei D. Sebastião, na Batalha de Alcácer-Quibir (1578), que conduziu à perda da independência nacional (entre 1580 e 1640). «A Espanha, durante o século XVII, integra, inconscientemente ou não, o património cultural lusitano no seu e Portugal, consciente ou inconscientemente, refluí para si mesmo, toma-se de ilha imperial gloriosa em ilha perdida na qual espera a ressurreição do seu passado simbolicamente intacto e como que sublimado naquela obra que durante esses sessenta anos guardará intacta a memória do passado. O Sebastianismo é apenas a forma popular dessa crença de uma vinda do rei vencido. O verdadeiro Sebastião é o *texto dos Lusíadas* que desde então – embora só o romantismo lhe confira esse estatuto – se converteu na referência icónica da cultura portuguesa». LOURENÇO – *Portugal como Destino*, 19. Sobre esta questão: REAL, Miguel – *Nova Teoria do Sebastianismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2014.

²³ É Teixeira de Pascoaes quem afirma que «na alma lusitana há uma névoa duma nova religião; e, por isso, o catolicismo, importado de Roma, jamais se tornou português, como se tornou espanhol, por exemplo». PASCOAES, Teixeira – *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988, 33).

²⁴ Conceito de Pedro Castelao: cf. *La visión de lo invisible. Contra la banalidad intrascendente*. Santander: Sal Terrae, 2015.

²⁵ Conceito de Jean-Luc Nancy: cf. *Las Musas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2008.

«encantamento que religa a palavra ao silêncio, o visível ao invisível, por uma espécie de integridade inseparável que se descobre em nós e nas coisas, como pelo desencanto face ao inaceitável do mundo, à repetição sonâmbula do mal, à violência desmedida da banalidade que contamina tudo».²⁶

3. Escreve, apreensivo, Miguel de Unamuno:

«Se suicidó Antero. Se suicidó también Soares dos Reis, el gran escultor portugués. Mirad aquella su estatua del *Desterrado*^[27], inspirada en unos versos de Herculano –a quien su estoicismo le salvó de la absoluta desesperación [...]. Se suicidó también Camilo Castelo Branco [...]. Se suicidaron Antero, Soares dos Reis, Camilo...; se suicidó también Mouzinho de Albuquerque, en quienes muchos esperaban ver resurgir alguno de los héroes antiguos de la epopeya camoeniana».²⁸

Depois transcreve uma carta de Manuel Laranjeira, talvez sem se aperceber de que o seu amigo, com quem aprendia a ver a «alma trágica de Portugal», adicionaria uma profunda dramaticidade ao seu texto *Un pueblo suicida*.

Tendo ainda referido Trindade Coelho (que põe fim à sua vida nesse mesmo ano de 1908), Unamuno não menciona os mais de vinte suicídios que grassam no contexto histórico-cultural português da segunda metade do século XIX, nem pode imaginar que depois de Manuel Laranjeira, em 1912, entre outros, suicidar-se-ão Mário de Sá-Carneiro (1916), Guilherme de Santa-Rita (1918), Guilherme de Faria (1929), Florbela Espanca (1930) e José Bruges d'Oliveira (1952).

Mas não é o número de suicidas que corrobora a reflexão de Unamuno, que não tem qualquer pretensão de verificabilidade ou refutação; o que corrobora o pressentimento do filósofo espanhol é o sentimento de desterro, a disforia profunda, endémica, que perpassa algumas obras incontornáveis do final do século XIX, dos *Sonetos* de Antero de Quental ao *Só* de António Nobre,

²⁶ MENDONÇA, José Tolentino – A primitiva labareda. Prefácio a GASTÃO, Ana Marques; CHAVES, António Rego; CARVALHO, Armando Silva – *Três vezes Deus*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, 10.

²⁷ Esculpido em Roma, em 1872, por Soares dos Reis (1847-1889), o *Desterrado* é uma obra de referência da escultura portuguesa. As linhas sinuosas do tronco e dos membros fletidos, o olhar distante da figura e a presença do mar conduzem a uma leitura romântica da obra, que se inspira num poema de exílio de Alexandre Herculano. A esta referência literária do romantismo português, deve-se acrescentar a importância simbólica desta obra, já no século XX, no contexto do neorromantismo saudosista.

²⁸ UNAMUNO – *Un pueblo suicida*, 109.

do *Fel* de José Duro ao *Húmus* de Raul Brandão, já no século xx, da *Clepsidra* de Camilo Pessanha aos *Indícios de Ouro* de Mário de Sá-Carneiro e ao *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa.

Não tinha ainda sido publicado *Comigo (Versos dum solitário)*, de Laranjeira, mas Unamuno não parece ter dúvidas:

«La blandura, la *meiguice* portuguesa, no está sino en la superficie; rasca, y encontraréis una violencia plebeya que llegará a asustaros. [...] la blandura es una máscara. [...] Y en la literatura, nuestros más fogosos escritores tienen que ceder en fuerza a los de aquí. Éste es un pueblo sentimental, sino apasionado, o mejor dicho, antes apasionado que sentimental. La pasión le trae a la vida, y la misma pasión, consumido su cebo, lo lleva a la muerte».²⁹

E esta convicção de Unamuno não deve pouco às conversas que terá mantido com Laranjeira e às cartas que trocaram entre agosto de 1908 e fevereiro de 1912. É Laranjeira que incentiva Unamuno: «Escreva, escreva o seu livro sobre Portugal. É preciso que alguém diga a verdade de nós»³⁰. Nessas cartas percebe-se o quanto Laranjeira terá condicionado a perspetiva de Unamuno, como naquela que este traduz e transcreve em *Un pueblo suicida*, onde se lê:

«Não imagina o prazer que senti ao saber que V., espírito superior, andava a compor um livro sobre as coisas da minha terra, desta minha tão desgraçada terra de Portugal.

Desgraçada – é a palavra.

O pessimismo suicida de Antero de Quental, de Soares dos Reis, de Camilo, do próprio Alexandre Herculano (que se suicidou pelo isolamento como os monges) não são flores negras e artificiais do decadentismo literário. Essas estranhas figuras de trágica desesperação irrompem espontaneamente, como árvores envenenadas, do seio da Terra Portuguesa. São nossas: são portuguesas: pagaram por todos: expiaram a desgraça de todos nós. Dir-se-ia que foi toda uma raça que se suicidou.

Em Portugal chegou-se a este princípio de filosofia desesperada – o suicídio é um recurso nobre, é uma espécie de redenção moral. Neste malfadado país, tudo o que é nobre suicida-se; tudo o que é canalha triunfa.

Chegámos a isto, amigo. Eis a nossa desgraça. Desgraça de todos nós, porque todos a sentimos pesar sobre nós, sobre o nosso espírito, sobre a nossa alma desolada e triste, como uma atmosfera de pesadelo, depressiva e

²⁹ UNAMUNO – *Un pueblo suicida*, 113.

³⁰ LARANJEIRA – Cartas, 24 de agosto de 1908. In *Obras de Manuel Laranjeira*, 464.

má. O nosso mal é uma espécie de cansaço moral, de tédio moral, o cansaço e o tédio de todos os que se fartaram – de crer.

Crer...! Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença – na morte libertadora.

É horrível, mas é assim.

A Europa despreza-nos; a Europa civilizada ignora-nos; a Europa medíocre, burguesa, prática e egoísta detesta-nos, como se detesta gente sem vergonha, sobretudo... sem dinheiro. Apesar disso, em Portugal ainda há muita nobreza moral, ainda há pelo menos nobreza moral bastante para morrer, e ainda existem coisas bem dignas de simpatia. [...]

É claro, eu sou português e portanto filho de um povo que atravessa uma hora indecisa, crepuscular do seu destino. É possível, pois, como acontece a quase todos os enfermos, que eu não tenha a compreensão clara do nosso estado. E, como acontece ainda a quase todos os enfermos, o meu espírito tem intercadências de abatimento e entusiasmo, de fé e desânimo, de crença e desesperança.

[...] acerca dos males da minha terra, não falo como médico, falo como enfermo».³¹

4. Manuel Laranjeira nasceu no lugar de Vergada, São Martinho de Mozelos (Santa Maria da Feira), a 17 de agosto de 1877, no seio de uma família humilde. Aprendeu o ofício de carpinteiro e foi uma herança que lhe permitiu dar continuidade aos estudos.

Datam de 1897 os seus primeiros escritos literários (poesia e teatro). Em 1898, matricula-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e inicia a colaboração em revistas e jornais. No ano seguinte passa a residir, com a família, em Espinho.

Em 1902, publica ...*Amanhã (Prólogo dramático)*. Em 1903, viaja a Madrid e começa a revelar os primeiros indícios de depressão, tédio e abulia. No ano seguinte termina o curso de Medicina e corresponde-se com Teixeira de Pascoaes. Entre 1905 e 1906, concilia a carreira médica, em Espinho, com uma intensa atividade de publicista; escreve o texto dramático *Às Feras*, relaciona-se com Amadeo de Souza-Cardoso e pondera viver em Paris. É em 1906 que começa a escrever o seu primeiro diário íntimo, que depois destruirá.

Em 1907, tendo desistido da intenção de se mudar para Paris, confessa a António Carneiro que está a perder a fé em tudo e em todos. Nesse mesmo ano, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, defende com êxito a tese sobre

³¹ LARANJEIRA – Cartas, 28 de outubro de 1908, 466-468.

A Doença da Santidade. Ensaio psicopatológico sobre o misticismo de forma religiosa. No ano seguinte, conhece Miguel de Unamuno, aceita integrar a Liga da Educação Nacional e é eleito para a Comissão Municipal de Espinho do Partido Republicano; amigos instam-no a candidatar-se à docência na Escola Médico-Cirúrgica do Porto; inicia o segundo diário íntimo (publicado em 1957); escreve inúmeros textos de crítica literária e de intervenção política.

Em 1909, acentuam-se os sintomas de tuberculose, insurge-se contra os lentes da Escola Médico-Cirúrgica portuense e suspende a escrita diarística; participa no 2.º Congresso Pedagógico, em Lisboa, e publica *A Cartilha Maternal e a fisiologia. Ensaio médico-biológico sobre o valor educativo do Método de João de Deus.* No ano seguinte escreve *Almas Românticas* (cujo 4.º ato ficará inacabado) e, em 1911, *Naquele engano d'alma.* Republicano comprometido, implicado na vida social e política, a doença obriga-o a renunciar a cargos para os quais fora eleito. No outono desse ano, Laranjeira adoce gravemente.

No final de janeiro de 1912, é publicado *Comigo (Versos dum solitário)* e, no dia 12 de fevereiro, põe fim à sua vida. Manuel Laranjeira deixa quatro livros publicados³², escritos inéditos e dispersos³³, um epistolário e um diário íntimo profundamente impressionantes³⁴.

5. Detemo-nos nas páginas desse *Diário Íntimo*, escrito entre 1 de maio de 1908 e 24 de março do ano seguinte. Entre tantos desabafos, com mais ou menos pretensão filosófica e literária, encontramos um rasto macerador de *spleen* e abulia. O seu diário é perpassado por expressões como: «o meu tédio infinito por quanto existe»³⁵ ou «sou um homem cansado... de tudo!»³⁶. Em fevereiro de 1909, três anos antes de pôr fim à sua vida, Laranjeira escreve: «A minha neurastenia não me dá uma hora de tranquilidade boa: faz-me detestar tudo, os homens e a vida, com um aborrecimento doentio»³⁷.

³² ...*Amanhã (Prólogo dramático)*. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1902; *A Doença da Santidade. Ensaio psicopatológico sobre o misticismo de forma religiosa*. Porto: Tipografia do Porto Médico, 1907; *A Cartilha Maternal e a fisiologia. Ensaio médico-biológico sobre o valor educativo do Método de João de Deus*. Porto: Tipografia do Porto Médico, 1908; e *Comigo (Versos dum solitário)*. Porto: Tipografia Fonseca & Filho, 1912.

³³ Reunidos em dois volumes, organizados e prefaciados por José Carlos Seabra Pereira: *Obras de Manuel Laranjeira*. Porto: Edições Asa, 1993.

³⁴ *Cartas*. Prefácio e cartas de Miguel de Unamuno. Lisboa: Portugalíia Editora, 1943; *Diário Íntimo*. Introdução e notas de Alberto de Serpa). Lisboa: Portugalíia, 1957.

³⁵ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 3 de maio de 1908. In *Obras de Manuel Laranjeira*, 244.

³⁶ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 18 de fevereiro de 1909, 309.

³⁷ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 24 de fevereiro de 1909, 311.

Neste diário entrecruzam-se, em esquisso, os traços que resultam num retrato impressionante desse Manuel Laranjeira, triste e acre, misantropo e sarcástico, neurasténico, desenganado e profundamente pessimista. Em maio de 1908, escreve:

«Ao anoitecer, fui panteisticamente ver o mar. Um céu sombrio abraçava-se a um mar sombrio.

E entrei a delirar tranquilamente sobre a escuridade das cousas, sobre o abismo da existência...

Tudo vão e em vão!»³⁸

E a esta consciência de que tudo é vão e em vão, sucede uma pungente persistência do tédio e uma indisfarçável inaptidão para a vida:

«Invade-me a infinita tristeza da existência, o tédio infinito da vida, dos homens e das cousas.

Tudo é duma instabilidade asquerosa!

Se eu pudesse ao menos – ser alegre e abafar no ruído este aborrecimento sem fim!

Às vezes lamento-me de não ter nascido estúpido, muito estúpido, como a estupidez».³⁹

Vítima de uma evidente e constrangedora bipolaridade, Laranjeira ora escrevia compulsivamente e acreditava que esse esforço se justificava, ora sentia que tudo era em vão, um dispêndio inútil: «Sinto-me sem coragem para o trabalho. Invade-me uma tristeza infinita e vaga: tenho saudades... nem eu sei de quê»⁴⁰. A saudade é expressão da consciência de que sofre um desterro existencial: Manuel Laranjeira, como outros poetas portugueses, antes e depois, encarna a figura brumosa do *Desterrado* de Soares dos Reis, disforia que resulta de uma espécie de desterritorialização temporal: «Sinto-me deslocado do meu tempo... [...] tenho a impressão de que devia ter nascido há dois séculos ou daqui por dois séculos...»⁴¹.

Não é assim de estranhar que se lastime permanentemente de um quotidiano macerador: «Deito-me e durmo e sonho sonhos ruins e disparatados. Durmo a tarde toda, a noite toda, um sono patológico, horrível. Ao amanhecer

³⁸ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 13 de maio de 1908, 247.

³⁹ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 3 de junho de 1908, 252.

⁴⁰ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 15 de março de 1909, 316.

⁴¹ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 24 de junho de 1908, 257.

acordo e ponho-me a trabalhar. E trabalho!»⁴². Nem se estranha que enfatize a passagem do tempo e o sentimento de que não sabe nem pode viver:

«A vida hoje foi para mim, como em tantos outros dias, igual, parda, ordinária... Nestas horas assim gris, sinto a sensação penosa de que a vida se me está gastando, esgotando, imbecilmente... – sem eu a viver. E sinto esta ideia de pesar que hei-de morrer sem ter sabido viver a vida... Afinal o mal da nossa vida é não saber vivê-la... ou não poder...»⁴³

A misantropia é uma tendência impressiva neste *Diário Íntimo*, muitas vezes mascarada por uma profunda ironia. Em outubro de 1908, Laranjeira questiona-se: «Se nos não insurgimos contra os homens de corpo defeituoso, porque havemos de insurgir-nos contra as criaturas moralmente defeituosas?»⁴⁴. Segue-se a resposta, que tende a desresponsabilizar «as criaturas moralmente defeituosas»: «Os homens que nascem com o espírito aleijado e a consciência aleijada têm tanta culpa como se tivessem nascido com o crânio ou os pés aleijados. Como o corpo, o carácter deforma-se; e, nesta operação mutiladora, o homem é apenas vítima». Mas a resposta é apenas um interlúdio para a afirmação de que a «lógica do mundo não é a lógica do homem. E ainda bem! Senão o mundo seria um disparate inconcebível».

Em dezembro desse mesmo ano, escreve:

«Ainda a melhor maneira de desprezar os homens – é tolerá-los. Suportar os homens, como quem suporta as cousas, é estar acima deles. Se as cousas nos não indignam, porque haviam os homens de indignar-nos? E para suportar os homens basta pensar que, como as cousas, eles são máquinas do destino – joguetes irresponsáveis».⁴⁵

Manuel Laranjeira sofria, então, de uma desesperança irredimível. Entre breves apontamentos diarísticos, encontramos os escombros de um desgano ora mordaz e exasperado, ora resignado: «Pior é detestar a vida porque a vida já não pode enganar-nos mais. E a pobre alma desiludida chama àquilo – amar a realidade. Aceitar a realidade: a realidade não se ama, aceita-se»⁴⁶.

⁴² LARANJEIRA – *Diário Íntimo*, 9 de março de 1909, 314.

⁴³ LARANJEIRA – *Diário Íntimo*, 4 de janeiro de 1909, 298-299. É curioso que estas palavras tenham sido escritas precisamente vinte anos antes do suicídio de Guilherme de Faria, no dia 4 de janeiro de 1929, na medida em que se trata de uma temática recorrente na epistolografia deste poeta.

⁴⁴ LARANJEIRA – *Diário Íntimo*, 23 de outubro de 1908, 295.

⁴⁵ LARANJEIRA – *Diário Íntimo*, 22 de dezembro de 1908, 294.

⁴⁶ LARANJEIRA – *Diário Íntimo*, 16 de outubro de 1908, 291.

E quando sente «o espírito envenenado e venenoso» ou quando precisa «de crer, por momentos, em alguma cousa», Laranjeira admite que é «à força de comédias», de fingir uma felicidade que não sente, que consegue esquecer-se, iludir-se um pouco⁴⁷.

Ilusões efêmeras, intermitências. O que persiste é a tristeza, «a misteriosa tristeza que me esgota»⁴⁸, como escreve em junho de 1908. E as palavras tornam-se menos contidas: «sinto desejos de chorar muito, desgostoso de mim mesmo»⁴⁹. E a tristeza cava trincheiras ao redor do seu ensimesmamento, agravado por um pessimismo resignado e por uma misantropia áspera. Laranjeira sente-se progressivamente mais isolado e incompreendido: «O que se diz em silêncio quase sempre é muito triste»⁵⁰.

Há muito que o suicídio estendera raízes profundas no seu mundo interior:

«Porque me assusta às vezes tanto a ideia de morrer? Tens medo à morte, alma covarde? Porquê? Se a terra fosse um paraíso e a vida uma ventura infinita, esse teu medo ainda seria uma covardia compreensível. Mas sendo a terra um deserto enfadonho, uma charneca gris, e sendo a vida uma ininterrupta enxurrada de lástimas, essa covardia é simplesmente absurda. É um apego estúpido».⁵¹

6. A companhia de Unamuno, entre 9 e 17 de agosto de 1908, constitui um lenitivo para a sua solidão. Durante esses dias, Laranjeira centra-se em Unamuno e escreve no seu diário: «Hoje acidentalmente travo relações com Miguel de Unamuno, com quem converso horas seguidas»⁵². No dia 10 de agosto: «Hoje todo o dia conversando com Unamuno»⁵³. No dia 11: «Todo o dia Unamuno. Discute-se: conversa-se, tranquilamente»⁵⁴. No dia 12: «Unamuno ainda. O reitor de Salamanca está em dia de confissão. Confessa-se comigo: tem sede de imortalidade, sede de eterno, febre do absoluto e horror à morte»⁵⁵. No dia 13: «De dia Unamuno»⁵⁶. No dia 14: «Ainda Unamuno. Não compreendo

⁴⁷ Cf. LARANJEIRA – Diário Íntimo, 15 de outubro de 1908, 291.

⁴⁸ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 6 de junho de 1908, 253.

⁴⁹ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 10 de janeiro de 1909, 300.

⁵⁰ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 16 de fevereiro de 1909, 309.

⁵¹ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 21 de dezembro de 1908, 294.

⁵² LARANJEIRA – Diário Íntimo, 9 de agosto de 1908, 270.

⁵³ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 10 de agosto de 1908, 270.

⁵⁴ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 11 de agosto de 1908, 270.

⁵⁵ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 12 de agosto de 1908, 271.

⁵⁶ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 13 de agosto de 1908, 271.

a afectuosidade desta criatura por mim que sou um espírito seco, desabrido. De resto somos criaturas com maneiras de pensar tão diversas, com crenças tão diversas...»⁵⁷. No dia 15:

«Unamuno ainda. Com a violência de quem precisa enganar-se. Unamuno proclama a fé. Compreendo: Unamuno *quer* ter fé, debate-se e sente-se homem – sem fé. Raciocinar a fé é duvidar. A fé morreu. Unamuno quer reanimar as cinzas mortas e desvaira porque as cinzas lhe gelam as mãos. A fé não se demonstra, crê-se. E Unamuno quer demonstrar a fé. Eis o seu drama íntimo».⁵⁸

No dia 16: «Penso em Unamuno e no seu drama íntimo. O grito de fé deste homem faz-me lembrar uma lâmpada que, antes de extinguir-se, despede clarões mais intensos, mais vivos»⁵⁹. E, no dia 17, a constatação desoladora: «Unamuno partiu e o dia tem para mim um aborrecimento infinito. Esgoto as horas a fitar e a fitar-me. Unamuno faz-me falta»⁶⁰.

Percebemos a importância deste encontro, a intensidade desta amizade, que perdurará. Para Laranjeira, Unamuno «não é um filósofo nem o que se chama um homem de ciência: é antes de tudo e acima de tudo um artista»⁶¹; «uma sensibilidade ansiosa de eterno, faminta de absoluto, e o seu espírito tem sede de imortalidade»⁶².

As cartas que Laranjeira lhe escreve guardam o mesmo fundo de intimidade do diário, a mesma toada e os mesmos conteúdos. No dia 1 de novembro de 1908, escreve ao «Amigo do coração» sobre o regicida Manuel Buiça⁶³ e acrescenta, em *post-scriptum*: «São 6 horas da manhã. Daqui a três horas vai começar o sufrágio eleitoral. A soberania popular anda por aí [...] a cair de bêbada. Sujíssima comédia, a vida, amigo!»⁶⁴.

No dia 11 de dezembro, envia para Salamanca uma importante carta, onde se lê:

⁵⁷ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 14 de agosto de 1908, 271.

⁵⁸ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 15 de agosto de 1908, 271-272.

⁵⁹ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 16 de agosto de 1908, 272.

⁶⁰ LARANJEIRA – Diário Íntimo, 17 de agosto de 1908, 272.

⁶¹ LARANJEIRA – Cartas, 24 de agosto de 1908, 463.

⁶² LARANJEIRA – Cartas, 14 de outubro de 1908, 465.

⁶³ Cf. LARANJEIRA – Cartas, 1 de novembro de 1908, 469-470, com elementos de que Unamuno se servirá em «Un pueblo suicida»: cf. UNAMUNO – Un pueblo suicida, 107-108.

⁶⁴ LARANJEIRA – Cartas, 470.

«Tem razão: Portugal é uma terra trágica, «trágica a la griega», e Camilo é, por assim dizer, o Sófocles da nossa vida fatídica. Através da obra do grande suicida passa, às rajadas, numa tempestade de entusiasmos e desânimos, em acessos, a rir e a chorar tragicamente, o espírito da terra portuguesa. Essa obra reflecte [...] todo o nosso pessimismo de instinto, toda a nossa intuitiva filosofia do desespero. Antero de Quental, ao contrário, raciocina e sistematiza toda a nossa filosofia de desânimo. [...] Se um é trágico como Sófocles, o outro é desesperado, estoicamente desesperado, como Epicteto ou Marco Aurélio.

[...] O Homem só adquire uma verdade à custa de uma desilusão; como vê, por um preço desmedidamente doloroso. A última verdade será a que nos desmanchar a última ilusão – a ilusão da imortalidade. No dia em que o Homem, assassinada a última esperança pela última verdade, adquira a certeza de que a sua passagem na terra é um traço efémero, e que a sua sede de eterno é um desejo perdido e vão; nesse dia trágico, em que o Homem tenha de renunciar à sua loucura de absoluto... [...] para morrer. Para o suicídio! – não será afinal este o sentido da vida [...]?

[...] o que me preocupa não é morrer, é saber *como*, é saber se se morrerá nobre ou miseravelmente».⁶⁵

É esta consciência avassaladora de desengano que, num primeiro momento, permite a Laranjeira considerar esse «pessimismo de instinto» e essa «intuitiva filosofia do desespero» como características endémicas do espírito do povo português e, num segundo momento, mais do que legitimar o suicídio, permite-lhe considerá-lo o único caminho, o sentido da vida. Com efeito, o pensamento de Manuel Laranjeira encaminha-se de uma perspetiva situada num contexto histórico-cultural concreto para uma dimensão metafísica; parte de uma ferida existencial circunscrita para o diagnóstico de uma incurável doença ontológica.

Duas cartas de janeiro de 1909 enfatizam o modo como as circunstâncias o agastam e mortificam⁶⁶. Depois de abril, só voltará a escrever a Unamuno em julho de 1910. Aí se percebe que a amizade permanecia intacta. Laranjeira

⁶⁵ LARANJEIRA – Cartas, 11 de dezembro de 1908, 471-472.

⁶⁶ No dia 2 de janeiro de 1909, escreve a Unamuno: «Eu? Eu ando numa crise de neurastenia moral. E quem é que não andarás com o espírito envenenado, respirando a todas as horas esta depressiva atmosfera moral da minha terra? Isto está a tomar-se decisivamente irrespirável». LARANJEIRA – Cartas, 11 de dezembro de 1908, p. 473. Lê-se na carta do dia 11 de janeiro: «A vida é dolorosa e a realidade é amarga. Mas que importa? Façamos como os místicos que, de tanto abraçarem o sofrimento, chegaram ao culto da dor. Eu por mim já me habituei de tal modo ao sabor venenoso da verdade, que ela para mim hoje constitui um tóxico indispensável». LARANJEIRA – Cartas, 11 de dezembro de 1908, 474.

aprendera a admirar Unamuno à distância: «Há homens que se assemelham às grandes montanhas: para os ver bem e de todo, é preciso vê-los – de longe»⁶⁷; mas nem por isso subestima a sua proximidade: «Neste aborrecido mundo de tantos e tantos homens, são tão raras as ocasiões de poder apertar a mão dum homem...»⁶⁸ E aqui se percebe o quanto deseja reencontrar Unamuno:

«Quanto à sua vinda cá a Espinho, quase não me atrevo a dizer-lhe que o espero. Um homem como eu, sem coragem para sair de dentro de si mesmo, não tem direito de esperar dos outros o sacrifício de alguns passos sequer. Todavia o meu egoísmo diz-me em segredo que espere eu a sua vinda... – e eu espero-o».⁶⁹

7. Em março de 1911, tendo recebido um exemplar de *Por tierras de Portugal e y de España*, Laranjeira agradece a Unamuno: «Muito obrigado pelo seu livro. Que coisas tremendas e dolorosas V. diz da minha terra! E o mais triste é que não são ainda tão tremendas e dolorosas como a realidade»⁷⁰.

Entretanto, em outubro de 1910, a República tinha sido «implantada» em Portugal. Manuel Laranjeira, que era um republicano comprometido, mantém um profundo sentido crítico⁷¹ que, juntamente com a diagnosticada astenia moral e física, o distancia irremediavelmente de qualquer compromisso social e político.

⁶⁷ LARANJEIRA – Cartas, 11 de dezembro de 1908, 472.

⁶⁸ LARANJEIRA – Cartas, 28 de julho de 1910, 481.

⁶⁹ LARANJEIRA – Cartas, 28 de julho de 1910, 481.

⁷⁰ LARANJEIRA – Cartas, 14 de março de 1911, 482.

⁷¹ «O mal da minha terra, amigo, não é a demagogia: é a inépcia. Em Portugal não há demagogia: falta-nos fanatismo cívico para isso. Em Portugal o que há é uma inverosímil colecção de idiotas. A demagogia é um mal, como tudo o que é sectarismo; mas é um mal que pode ser combatido. A imbecilidade, essa é que é um inimigo invencível.

Fez-se a revolução. Foi uma verdadeira revolução? Não; foi apenas um povo que mudou de traje. Por dentro estamos na mesma. O nosso grande mal é pensar como aqueles indivíduos que se julgam hipercivilizados, só porque andam vestidos pela última moda de Paris.

A revolução política para ser fecunda tinha de ser acompanhada de uma revolução intelectual que não se fez, nem há indícios de fazer-se. O povo português apresenta-se ao mundo, civilizado por fora, e o que é preciso fazer, o que é urgente fazer, é civilizá-lo por dentro. Mas nisso ninguém pensa, tão convictos estão todos de que para civilizar um povo basta fazer-lhe mudar de gravata. Eis precisamente o nosso mal: é ninguém sentir necessidade de fazer cultura, é ninguém compreender que a inteligência é o grande capital dos povos modernos e a cultura a mais fecunda das revoluções.

Somos incultos, mas esse não é o mal irremediável: o mal irremediável é a inépcia, é ninguém ter a compreensão (ou o pressentimento sequer) do que seja – a cultura. O terrível é não sentirmos o desejo de sermos civilizados e contentarmo-nos só em parecê-lo.

No final de janeiro de 1912 é impresso *Comigo (versos dum solitário)*, um livro de poesia que acentua expressivamente esses traços mais intensos com que o diário e o epistolário apresentam o retrato de Manuel Laranjeira.

Num longo primeiro poema, intitulado «Comigo (Diálogo com a minha alma)», encontramos praticamente todos os *leitmotive* que assomam nos escritos de Manuel Laranjeira. Assim, começa por afirmar que «Quem a verdade procura/ busca a sua perdição,/ busca a sua desventura»⁷². Claramente atormentado pela perda da fé, num diálogo íntimo com a sua alma, o poeta lastima: «O santo crê, tu não crês...»⁷³. E acrescenta: «Seria cegueira minha/ tentar as asas abrir/ sem a fé que mas sustinha...»⁷⁴ e «Não tenho fé que consiga/ suster-me as asas que estão/ quase mortas de fadiga...»⁷⁵. Asténico, Laranjeira padece da síndrome d'«O palácio da ventura»⁷⁶, com que Antero de Quental contagia poetas simbolistas, neorromânticos e mesmo modernistas: «tentei escalar o céu,/ e tal céu não existia.../ Havia-o criado eu»⁷⁷.

Sucedem-se a consciência de que são vãs todas as lutas⁷⁸, um desgano premente e doloroso – «Toda a verdade – é morrer!»⁷⁹ – e uma desesperança abúlica: «Nada espero. Vou vivendo/ esta morte cada dia;/ e até na morte descrendo»⁸⁰.

Num tom elegíaco, num imaginário ocasionalmente decadentista, emergem a «melancolia venenosa»⁸¹, a «tristeza das coisas/ [...] como um eco da dor universal!»⁸², o «desgosto dos sempre insatisfeitos» e o «tédio horrível»⁸³, o

E senão veja: o governo da República acaba de decretar a fundação de mais duas Universidades, uma em Lisboa, outra no Porto, quando o que havia de fazer, antes de tudo, era demolir aquela que existe. Três Universidades numa terra onde mal se podem arranjar professores para uma só! Um dos flagelos de Portugal era o analfabetismo do povo: agora chove-nos mais esta praga, – o analfabetismo dos doutores.

E é assim que a inépcia desta gente confunde cultura com diploma e julga que para civilizar o povo basta infectar o país de diplomados». LARANJEIRA – Cartas, abril [?] de 1911, 483-484.

⁷² LARANJEIRA – Comigo (versos dum solitário). In *Obras de Manuel Laranjeira*, 159.

⁷³ LARANJEIRA – Comigo, 162.

⁷⁴ LARANJEIRA – Comigo, 165.

⁷⁵ LARANJEIRA – Comigo, 168.

⁷⁶ Cf. QUENTAL, Antero de – *Poesia Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001, 248.

⁷⁷ LARANJEIRA – Comigo, 169.

⁷⁸ «É inútil prosseguir,/ como os loucos de heroísmo:/ ir mais além é cair// de um abismo em outro abismo...». LARANJEIRA – Comigo, 171.

⁷⁹ LARANJEIRA – Comigo, 172.

⁸⁰ LARANJEIRA – Comigo, 174.

⁸¹ LARANJEIRA – Comigo, 177.

⁸² LARANJEIRA – Comigo, 178.

⁸³ LARANJEIRA – Comigo, 187.

desengano amoroso⁸⁴ e essa «alma vencida,/ que tantas ilusões na vida tinha» e que «já começa a descreer também da vida...»⁸⁵.

Estes *leitmotive* encontram na poesia de Manuel Laranjeira uma caixa de ressonância em que se projetam e ampliam. Assim não se estranham a descrença no amor⁸⁶, na vida e até na morte («já não tenho fé na morte!»⁸⁷), a renúncia («há um remédio só – renunciar»⁸⁸), a astenia («os braços caem mortos de cansaço»⁸⁹) e a presença obsessiva da morte:

«Em tudo vejo a morte! [...]

A morte! sempre a morte! em tudo a vejo
tudo ma lembra! E invade-me o desejo
de viver toda a vida que perdi...

E não me assusta a morte! Só me assusta
ter tido tanta fé na vida injusta
... e não saber sequer pra que a vivi!»⁹⁰

Sem que seja um *leitmotiv* recorrente na poesia de Manuel Laranjeira, o sono abúlico assoma no poema «A sós», consequência de um dolente cansaço existencial, expressão da renúncia, do abandono, da consciência de que são vãs todas as lutas e ilusões:

«dormi, oh coisas vãs, o eterno sono,
– como dorme uma lâmpada apagada
no meio duma nave... ao abandono.
[...]

Dormi, olhos cansados de velar!
[...]

⁸⁴ «Nada resta daquele grande amor.../ Somos dois mortos, vê... E o maior dano/ não foi o desamor.../ Ser desamado custa; mas pior/ é sempre o desengano...». LARANJEIRA – Comigo, 188.

⁸⁵ LARANJEIRA – Comigo, 181.

⁸⁶ «Basta de crer no amor, basta de amar!» (LARANJEIRA – Comigo, 191) e «não posso crer, nem posso amar ninguém» (LARANJEIRA – Comigo, 196).

⁸⁷ LARANJEIRA – Comigo, 197.

⁸⁸ LARANJEIRA – Comigo, 191.

⁸⁹ LARANJEIRA – Comigo, 200.

⁹⁰ LARANJEIRA – Comigo, 201.

Louca ambição
de eternizar um' hora e de vivê-la
avidamente, assim eterna e bela,
deixa-me em paz, já basta de ilusão!

Não venhas perturbar-me o coração!
deixa-o descreer! deixa-o dormir!»⁹¹

Conclusão

Como escreveu Unamuno: «Fué Laranjeira quien me enseñó a ver el alma trágica de Portugal, no diré de todo Portugal, pero si del más hondo, del más grande»⁹². É possível que, deste lado da fronteira, exista uma alma trágica que Unamuno não reconhecia, pelo menos com a mesma intensidade, na cultura espanhola. E também é possível que essa fosse apenas a alma trágica do seu amigo Manuel Laranjeira, assim como desses outros suicidas que tanto o impressionaram: Camilo, Antero, Soares dos Reis.

Talvez por trás da fronteira invisível que delimita Portugal não se esconda «un pueblo suicida». E confesso que o que me impressiona não é a quantidade de suicidas que a cultura portuguesa gera ou abriga, como se de um simbólico panteão se tratasse; o que verdadeiramente me impressiona, tendo da cultura portuguesa algum conhecimento, é que só esses tenham posto fim às suas vidas.

Unamuno aprendeu a alma trágica de Portugal de um dos mais trágicos representantes da vertigem suicidária que grassou na cultura portuguesa. Daí a evidência: «Portugal es un pueblo de suicidas, tal vez un pueblo suicida»⁹³. A vida de Manuel Laranjeira, a sua obra e a sua morte legitimaram a condoída generalização de Unamuno.

«Al rector de Salamanca le interesaron siempre hombres de la estirpe moral del médico de Espinho, hombres atormentados», escreve García Morejón, que oportunamente acrescenta: Unamuno «había descubierto el retrato más vivo del hombre de pasión portugués después de la desesperación de Antero.»⁹⁴

Estou convencido de que a relação com Manuel Laranjeira, entre 1908 e 1912, afeta significativamente a trama de *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*, publicado em 1913. Com efeito, Laranjeira não

⁹¹ LARANJEIRA – Comigo, 198-199.

⁹² UNAMUNO – Prefacio, 20.

⁹³ UNAMUNO – Un pueblo suicida, 106.

⁹⁴ GARCÍA MOREJÓN, Julio – *Unamuno y Portugal*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1964, 459.

ensinou Unamuno a ver apenas a alma trágica de Portugal: «me enseñó a ver no pocos rincones de los abismos tenebrosos del alma humana»⁹⁵.

Unamuno sabia que também a Laranjeira «le dolía Dios»⁹⁶. E como não encontrou na vida lenitivo para essa dor, assumiu a postura de apóstata, descrente de tudo, ímpio que avoca o suicídio como um ato de sedição, como se lê nessa notável «Blasfémia inútil»:

«Diz esta lenda vã
que tu, minh'alma, és barro convertido
em espírito, ao sopro do Senhor...
Mas revoltou-se o pó: veio Satã
tentar-te com o fruto proibido
e ensinar-te o caminho do amor
– e da culpa saborosa...

E tu, alma rebelde, ambiciosa,
querendo igualar Deus, foste punida...
Mas Deus sabe punir e perdoar,
alma caída;
Deus ama ainda a vida, e deu-te a Dor
em redenção, pra voltar
até ele, de novo, arrependida...

Alma rebelde, suicida,
seja a Obra maior que o Criador:
sê maior que Deus – despreza a vida...»⁹⁷

No dia 15 de fevereiro de 1912, sete dias antes de pôr fim à sua vida, Manuel Laranjeira despede-se de Miguel de Unamuno: «Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando»⁹⁸.

Para Eduardo Lourenço, «o povo português, ferido, como tantos outros, por tragédias reais na sua vida colectiva, não é um povo trágico»⁹⁹. Embrenhando-se no «novelo afectivo» a que se refere António José Saraiva, Lourenço considera-o um povo saudoso, adormecido, mas de pé, imóvel no coração da realidade.

⁹⁵ UNAMUNO – Prefacio, 20.

⁹⁶ UNAMUNO, Miguel de – *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Alianza Editorial, 2013, 34.

⁹⁷ LARANJEIRA – Comigo, 192.

⁹⁸ LARANJEIRA – Cartas, 15 de fevereiro de 1912, 485.

⁹⁹ LOURENÇO – *Portugal como Destino*, 93-94.